

OUTRAS RAÍZES DO BRASIL*

Miguel REALE

Já tive ocasião, em outra oportunidade, de declarar concordar com a tese de Gerardo de Mello Mourão de que o Brasil é uma "invenção do mar", no sentido de que a cultura ou civilização brasileira resultou da chegada a esta parte do continente americano de populações ultramarinas, provenientes da Europa e da África, juntando-se aos aborígenes. Surgiu, assim, uma nação formada de brancos, indígenas e africanos, tendo como base principal a contribuição portuguesa, a começar pela língua, que é o solo fundamental da cultura.

Foi com tais elementos que se instaurou a **empresa** destinada a constituir o Brasil com seus próprios meios e suas próprias forças, em correlação, é claro, com os valores da comunidade universal. Já é tempo, todavia, de superar o vexo de examinar e compreender a cultura brasileira tão-somente em função dos três elementos originários dos tempos coloniais, sem nos convenceremos de que essa visão pode, em parte, corresponder à gente do Norte e do Nordeste, mas não atende à civilização que se desenvolveu e se desenvolve no resto do País, notadamente no Sul e no Sudeste.

Ao tratar das "raízes da civilização brasileira", é costume conferir valor acessório e secundário ao poderoso surto imigratório que já tem mais de um século de ininterrupta existência, pois começou a partir das duas últimas décadas do século passado, com a chegada em massa de italianos, alemães, poloneses, espanhóis, sírios, libaneses, judeus e, num segundo momento, japoneses, coreanos, etc., sem falar e

(*) Transcrito, com a devida vênia, de "O Estado de S. Paulo", de 7 de março do corrente ano.

novo surto imigratório português, especialmente com o êxodo de trabalhadores devido à grave recessão provocada pelo regime salazarista.

Na admirável obra de Sérgio Buarque de Holanda, assim como nos demais estudos sobre as origens de nossa civilização, em geral pouca ou nenhuma atenção é dispensada à **vinda** ao Brasil, de maneira contínua e ao longo do tempo, de tão numerosas populações, oriundas de todos os pontos da Terra.

Nesse sentido, bastará verificar que na volumosa **História Geral da Civilização Brasileira**, escrita por Sérgio Buarque de Holanda e por ele dirigida com a colaboração de ilustres especialistas nos diversos temas abordados, a questão da imigração não mereceu senão 37 exíguas páginas, e assim mesmo num trabalho mais de sentido descritivo e estatístico.

Todavia, não é mister tecer longas considerações para demonstrar que a estrutura étnica e cultural do Brasil de hoje é impensável sem a contribuição das ondas das sucessivas gentes que vieram alterar substancialmente nosso modo de ser, nosso sentido de vida, com inegáveis reflexos tanto na linguagem falada como na escrita.

Não é de hoje que sinto essa falha ou lacuna no estudo das raízes culturais de nosso país. Já em 1937, numa de minhas obras juvenis, intitulada **Atualidades Brasileiras** (Schmidt Editor), eu demonstrava o seu relevante significado. Seja-me permitido transcrever aqui parte do que então escrevi, pois não saberia expressar-me melhor:

"Para fazer-se uma idéia da contribuição dos imigrantes à nossa cultura", escrevia eu, "basta lembrar o quadro indicador do volume das primeiras correntes imigratórias, de 1880 a 1933, de acordo com as últimas pesquisas estatísticas. Elas nos dizem que 1.478.948 italianos, 1.383.878 portugueses, 591.397 **espanhóis** e 211.031 alemães vieram para o Brasil, no curso espaço de 60 anos. Com as demais contribuições imigratórias, temos uma cifra **aproximada** de 5 milhões de homens, ou seja, mais que a quinta parte da população do Brasil em princípios deste século! Pouco mais que essa foi a imigração negra em três séculos de nossa História, segundo Pedro Calmon. Ora, essa enorme massa humana era formada, não de rebotalhos de raças, mas de elementos eugênicos que, se receberam, como era natural, a influência poderosa do meio ambiente, também reagiram sobre esse meio, inspirando novos

costumes, novas maneiras de apreciar a vida, novo sentido do progresso.

Essa contribuição trazida para nossa terra não pode ser considerada, sem mais nem menos, ilegítima ou deformadora. Os descendentes de italianos, espanhóis ou alemães não podiam deixar de projetar sobre os quadros da sociedade brasileira toda a riqueza psíquica recebida no seio da família. É engano pensar que a contribuição do imigrante só deve ser medida em cifras, enumerando o número de suas propriedades, de suas fazendas, de suas fábricas, de seus capitais. O imigrante trouxe também uma alma, valores espirituais, usos e costumes. Muitos desses costumes foram introduzidos no Brasil. Hoje, são costumes brasileiros, às vezes difíceis de caracterizar, de tal forma se acham interpenetrados com os elementos anteriores de nossa formação."

Os dados supra lembrados, de certa forma, correspondem aos constantes do IX volume, página 100, da citada **História Geral da Civilização Brasileira**, na qual se lê que, "de 1890 a 1929 entraram ao todo no Brasil (...) 3.523.591 imigrantes", computados 79.052 austríacos, 86.577 japoneses, 108.475 russos e 73.690 sírio-libaneses. Todavia, como a grande imigração prosseguiu, notadamente a japonesa, não houve exagero em meus cálculos de 1937.

Mais relevante, porém, do que o número dos indivíduos é a natureza da contribuição cultural por eles trazida em todos os campos da vida nacional, desde os usos e costumes às mais altas criações nos domínios das artes, das ciências, das letras, do esporte, da dança, etc., desde a mais elementar força de trabalho às mais apuradas especializações técnicas, o que ninguém com um mínimo de imparcialidade poderá contestar.

A esta altura do presente artigo, é possível que alguém já me esteja acusando de "imperialismo alienígena" ou do desejo de desfigurar o cerne dos valores fundantes de nossa cultura, mas, modéstia à parte, eu sou um exemplo típico da miscigenação e da polivalência de nossa cultura. Meu nome todo é Miguel Vieira Ferreira da Rosa Goes Chiaradia Reale e, se me orgulho de, pelo lado materno ascender aos troncos de grandes famílias lusitanas, orgulho-me também de descender, por ambos os lados, dos Reale, numerosa estirpe do sul da Itália, e dos Chiaradia, de ascendência vêneta.

Eis, meus caros amigos, um pequeno exemplo da polifonia do que se pode chamar "cultura brasileira", na pluralidade cromática de seus valores materiais e espirituais, comprovando quanto me assiste razão de reclamar a atenção de nossos estudiosos para novas e não menos fundantes raízes de nossa civilização, a qual não se deformará com esses novos contingentes de sangue, de modos de vida, de formas de sentir e de querer, de cheiros e sabores cotidianos, de engenho, arte e fantasia criadora, pois tudo, afinal, confluirá sempre no sentido do engrandecimento do patrimônio comum, cujo suporte intocável é a unidade da língua, "última flor do Lácio inculca e bela". O certo é que sem a imigração de mais de um século o Brasil é irreconhecível.